

## **O Fim da Era Lula e a Candidatura Rouseff: Elementos de Análise de Discurso no Jornal Britânico *The Economist*<sup>1</sup>**

Pedro Paulo PROCÓPIO<sup>2</sup>  
Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA, Recife, PE

### **Resumo**

Este trabalho analisa a cobertura feita pelo jornal britânico *The Economist* do final do segundo mandato Lula, das prévias às eleições presidenciais de 2010, além da candidatura de Dilma Rouseff. Nosso problema reflete como as estratégias discursivas adotadas por esse veículo podem demonstrar uma postura de apoio à continuidade da gestão Lula. O artigo busca uma reflexão sobre essa problemática ao analisar matérias publicadas entre 2009 e 2010, utilizando como aporte teórico a Análise de Discurso. Concluímos que houve no referido período um vínculo ideológico entre Lula e o jornal; o tal ligação, visível no campo do discurso, foi, portanto, um dos grandes responsáveis pelo apoio de *The Economist* à candidatura Rouseff.

### **Palavras-Chave:**

Análise de Discurso; Dilma Rouseff; Lula; *The Economist*

### **Introdução**

Este artigo visa a analisar o discurso adotado pelo jornal britânico *The Economist* nos momentos finais do Governo Lula e nas prévias à candidatura e posterior ascensão nas pesquisas de intenção de voto da atual Presidenta da República do Brasil, Dilma Rouseff. Sustentamos que a referida análise nos possibilita compreender o problema em questão, ou seja: como as estratégias discursivas adotadas por *The Economist* conduzem o veículo a uma postura de apoio à continuidade da gestão Lula?

Julgamos o objetivo de compreender a cumplicidade do veículo britânico para com o modelo de Estado adotado por Lula e o desejo desse mesmo veículo de que a ainda provável sucessora faça mesmo, pertinente por alguns fatores decisivos. Dentre esses fatores estão a importância histórica da continuidade de um modelo de política voltado a questões socialistas; a ascensão de uma mulher pela primeira vez à Presidência no país e,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco; Docente e Coordenador do Núcleo de Pesquisa, Ensino, Extensão e Monitoria da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, e-mais: [profpedroprocopio@gmail.com](mailto:profpedroprocopio@gmail.com); [nupem@esuda.com.br](mailto:nupem@esuda.com.br).

sobretudo, pelo discurso favorável ao cenário político que formava no Brasil, adotado por *The Economist*, tradicionalmente liberal, conservador e tido pelos especialistas em Economia como a bíblia do liberalismo mundial.

O trabalho está centrado na Análise de Discurso como aspecto teórico que em nossa visão melhor responde as necessidades de entendimento do fenômeno. O corpus estudado compreende artigos de novembro de 2009 e setembro de 2011, portanto, o período final do mandato do ex-presidente e das conjecturas para o lançamento da campanha Rousseff, além do crescimento da então candidata nos índices das pesquisas de intenção de voto.

Por fim, ratificamos a relevância do trabalho graças ao nosso entendimento de que a relação com a linguagem nunca é ingênua, e sim fortemente permeada por jogos de sentido, além de pertencimentos ideológicos que buscam perpetuar o domínio socioeconômico de cada época civilizatória.

### **O papel da estratégias discursivas em *The Economist***

Analisamos, portanto, o momento em que a confiança e o otimismo acerca da política socioeconômica brasileira estão consolidados na ótica de *The Economist*. A crença e o positivismo se transformam em elogios, euforia e ainda em desejo de continuidade.

A constituição do Brasil impede que o Presidente da República governe por três mandatos consecutivos, dessa forma, *The Economist*, favorável à gestão do ex-presidente Lula, busca conhecer Dilma Rousseff, então ministra chefe da Casa Civil.

*The Economist* vai traçando o perfil político-ideológico de Dilma Rousseff, que tem a seu favor, como destaca o jornal, o apoio de Lula. O ex-presidente e o veículo adotam um discurso contrário a uma terceira gestão porque isso seria uma atitude antidemocrática, contudo, a política socioeconômica lulista havia de continuar.

No afã de que o Brasil mantivesse os números positivos da economia e também pela confiabilidade que o jornal demonstrara no manejo brasileiro da crise financeira global, o discurso de *The Economist* é favorável à uma nova gestão do Partido dos Trabalhadores, desde que a sucessora seguisse o mesmo comportamento.

As estratégias discursivas adotadas pelo veículo durante a cobertura dos oito anos do mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, portanto, se direcionam para um novo e decisivo discurso: a perpetuação do seu modelo de gerir o país.

Diante disso, são várias as estratégias discursivas utilizadas e que ajudam o jornal a defender a continuidade da política de Lula, a qual, como o veículo demonstra havia se tornado liberal. Essas estratégias são: adjetivação, ênfase, intertextualidade, texto não verbal, título e subtítulo

Data	Título original da notícia	Tradução nossa	Resumo do assunto
12.11.2009	<i>Her master's voice</i>	A sua principal voz	Defende a similaridade política entre o então presidente Lula e a sua ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rouseff. A matéria defende também que Dilma seria uma política mais interessante do que parecia; relata um pouco da sua história pessoal e trajetória ideológica.
30.09.2010	<i>Lula's Legacy</i> <sup>3</sup>	O legado de Lula	A matéria afirma que houve melhorias ao longo dos oito anos de mandato do ex-presidente Lula, aponta para questões ainda não resolvidas durante os seus dois mandatos e sugere a continuidade da sua política de governo.

Tabela -1 – A política socioeconômica de Lula há de continuar; *The Economist*, nov/2009 – set/2010

Fonte: [www.economist.com](http://www.economist.com)

### As Estratégias Discursivas de *The Economist* e o apoio à continuidade do “Lulismo”

Consideramos as estratégias discursivas adotadas por *The Economist* um dos principais elementos metodológicos para o entendimento da euforia do jornal em relação a condução da política econômica lulista, além do desejo visível de continuidade. Dessa forma, expomos nesta passagem final do artigo como estratégia discursiva opera diretamente nos artigos elencados para a nossa reflexão.

**Adjetivação.** Presente em ambas as matérias deste enquadramento ajuda a construir positivamente o *ethos* de bom administrador do ex-presidente Lula, que além de íntegro e responsável, passava a ser visto como um liberal.

Graças a esses adjetivos, percebemos o desejo de *The Economist* de que a política implantada no governo do ex-presidente perdurasse. Dessa forma, os elogios feitos a Luiz

<sup>3</sup> Junto à matéria, *The Economist*, disponibilizou ao leitor uma transcrição da entrevista concedida pelo então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. A entrevista foi realizada em Brasília em 09 de setembro de 2010.

Inácio Lula da Silva e à sua gestão dividem espaço com o discurso adotado sobre Dilma Rousseff.

A então ministra chefe da Casa Civil em *her master's voice* é apresentada como “*administradora competente*”<sup>4</sup> e também pacífica e sagaz, ou seja, assume as características que teriam conduzido o discurso a respeito de Lula do pânico da sua chegada ao poder à euforia pelo crescimento do país, além do desejo de que sua política continuasse. O pacificismo e a sagacidade:

Sua preocupação em manter a inflação baixa, a sua fé na sabedoria do governo de planejar e "induzir" a atividade econômica, e sua recusa de criticar as ações antidemocráticas por outros governos na região, especialmente a do venezuelano Hugo Chávez, são idênticas às do presidente<sup>5</sup>.

Em *Lula's Legacy* – além dos componentes próprios ao campo do jornalismo econômico, como os índices e gráficos, o discurso abre espaço à vida do ex-presidente e os adjetivos enquanto estratégia discursiva ratificam o desejo do jornal pela continuidade de sua política socioeconômica. “A história de vida *notável* de Lula – o filho de migrantes *paupérrimos...*”<sup>6</sup>

Os adjetivos utilizados sobre a história de vida do ex-presidente são relacionados à ideia de “um magnetismo pessoal”, dessa forma, conforme *The Economist* – a origem miserável e a “essência magnética” de vida: “(...) o teriam ajudado a vender "marca Brasil" em todo o mundo: uma *potência emergente*, um lugar lucrativo onde investir e uma *democracia tolerante*, onde um homem como ele pôde se tornar presidente.”<sup>7</sup>

**Enfatização.** Em *her master's voice* é notória a influência de *The Economist* como sujeito do discurso que deseja a continuidade da gestão Lula. Para isso é necessário encontrar um sucessor: (...) Luiz Inácio Lula da Silva, identificou Dilma Rousseff, ministra chefe da Casa Civil, como sua *sucessora favorita ao posto máximo*(...)<sup>8</sup>.

O ex-presidente aparece como um indivíduo que venceu desafios; a ênfase recai agora – portanto - nos desafios que Dilma, a sua sucessora preferida deveria enfrentar: “A

<sup>4</sup> Texto original em inglês: Able administrator

<sup>5</sup> Texto original em inglês: *Her concern with keeping inflation low, her faith in the government's wisdom to plan and "induce" economic activity, and her refusal to criticise undemocratic actions by other governments in the region, especially that of Venezuela's Hugo Chávez, are identical to the president's.*

<sup>6</sup> Texto original em inglês: *Lula's remarkable life story – the child of dirt-poor migrants...*

<sup>7</sup> Texto original em inglês: *(...)have helped him to sell "brand Brazil" around the world: a coming power, a profitable place to invest and a tolerant democracy where a man like him could become president.*

<sup>8</sup> Texto original em inglês: *(...) Luiz Inácio Lula da Silva, identified Dilma Rousseff, his chief-of-staff, as his preferred successor in the top job(...)*

pergunta que Dilma Rousseff terá de ponderar é se continuidade sem aliança é realmente o caminho para a presidência.<sup>9</sup>”

O otimismo acerca das políticas implantadas por Lula é recorrente em *Lula's legacy* e mira na potencialidade da economia local, como observamos a seguir: “A economia está crescendo *fortemente*, empregos estão sendo criados e os salários estão aumentando.<sup>10</sup>”

*The Economist* enfatiza ainda o momento vivido pelos brasileiros: *a golden moment*. O poder de consumo dos mais pobres também chama a atenção do periódico positivamente, já que a massa ajuda a manter o equilíbrio de diversos setores da economia. Como Lula era considerado responsável pelo acesso desses indivíduos ao mercado, o seu modelo de gestão tinha que continuar. “Desde 2003 *cerca de 20 milhões de brasileiros emergiram da pobreza* e se juntaram à economia de mercado. Esses *novos consumidores compram de tudo* de carros a panelas e de geladeiras a passagens aéreas.<sup>11</sup>”

Há outros aspectos centrais da ênfase de *The Economist* na continuidade da política Lula através do candidato (ou candidata) vitorioso: “(...) *Autoestima nacional em crescimento e desigualdade diminuindo*, o Brasil está colocando sob a responsabilidade do próximo presidente a realização do sonho dele (Lula) de se tornar um país em que a maioria seja de classe média – com poder de compra e acesso a melhor educação e saúde.<sup>12</sup>”

Existe ainda um vínculo ideológico bem demarcado através do qual o desejo pela continuidade tem estreita relação com os benefícios mecadológicos das ações propostas por Lula para o novo (ou nova) presidente.

As políticas sociais implantadas pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, anteriormente vistas como populistas e como entrave ao desenvolvimento do país, se tornam aspectos importantes da gestão, sendo enfatizadas por *The Economist*. Tais políticas tinham que continuar, pois levam ao crescimento econômico.

---

<sup>9</sup> Texto original em inglês: *The question that Ms Rousseff will have to ponder is whether seamless continuity is indeed the path to the presidency.*

<sup>10</sup> Texto original em inglês: *Since 2003 some 20m Brazilians have emerged from poverty and joined the market economy. These new consumers buy everything from cars to cookers and fridges to flights.*

<sup>11</sup> Texto original em inglês: *Since 2003 some 20m Brazilians have emerged from poverty and joined the market economy. These new consumers buy everything from cars to cookers and fridges to flights.*

<sup>12</sup> Texto original em inglês: *(...)national self-esteem rising and inequality falling, Brazil is poised under the next president to fulfil his dream of becoming “a country in which the great majority are middle-class” with high purchasing power and access to better education and health.*

Para muitos dos brasileiros pobres e da classe trabalhadora que são os seus apoiadores mais fervorosos, as principais conquistas de Lula foram um grande aumento do salário mínimo e das pensões, o programa Bolsa Família, que dá a 12 milhões de famílias uma pequena quantia em dinheiro, mas que muda muitas vidas, em troca de manter os filhos vacinados e na escola. Por impulsionar a demanda doméstica, essas políticas também têm contribuído para o crescimento econômico<sup>13</sup>.

Apesar do discurso essencialmente otimista sobre a presidência de Lula, a ponto de sugerir a continuidade de sua política, a ênfase é posta também em aspectos negativos. Segundo o jornal, o país tem *problemas enraizados*; o segundo mandato de Lula tornou o *Estado todo poderoso* e paga pensões *absurdamente generosas* a funcionários públicos.

O desejo pela continuidade utiliza a estratégia discursiva da ênfase de forma muito explícita quando faz projeções a respeito de como Dilma Rouseff agiria no comando do país: “(...) A Sra. Rouseff pode ter que governar à *sombra da grandeza* de Lula.<sup>14</sup>”

Outra parte do texto, com tom desafiador, enfatiza ainda mais o que *The Economist* esperava daquela que viria a ser a sucessora do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva: “Os seus primeiros compromissos e anúncios serão escrutinados com uma *vontade fora do comum*<sup>15</sup>.”

**Intertextualidade.** Está presente em diversos momentos emblemáticos de ambas as matérias como uma forma de ratificar a ideologia do sujeito do discurso. Graças ao desejo de que as políticas do Governo Lula prosseguissem há um vínculo ideológico entre o discurso do jornal e das instituições ou atores sociais citados nos textos.

Em *Her Master's Voice* chama atenção o espaço dado à Dilma, que ainda não era oficialmente candidata à presidência, mas começa a ser construída discursivamente enquanto tal pelo veículo. Além disso, o discurso de vínculo entre a então ministra da Casa Civil e *The Economist* reforçava que as políticas implantadas por Lula deveriam continuar caso Dilma chegasse ao Palácio do Planalto.

---

<sup>13</sup> Texto original em inglês: *For many of the poor and working-class Brazilians who are his most ardent supporters, Lula's crowning achievements have been big rises in the minimum wage and pensions, and the Bolsa Família programme, which gives 12m families small but life-changing amounts of cash in return for having their children vaccinated and keeping them in school. By boosting domestic demand, these policies have also contributed to economic growth.*

<sup>14</sup> Texto original em inglês: *(...) Ms Rouseff may have to govern in Lula's long shadow.*

<sup>15</sup> Texto original em inglês: *Her early appointments and announcements will be scrutinized with unusual eagerness.*

A afirmação de Dilma Rouseff: “Você não pode ser fundamentalista em relação a nada<sup>16</sup>” e – óbvio – o contexto e a maneira positiva, permeada por credibilidade - em que a assertiva foi inserida no texto corroboram com o desejo do veículo de que a sucessora do ex-presidente Lula mantivesse a mesma conduta dele. A Sra. Rouseff, como o veículo a chama, reforça no seu discurso o respeito aos compromissos assumidos e se utiliza da mesma ideologia que estreitou a relação entre Luiz Inácio Lula da Silva e o jornal: “ ‘*Nós respeitamos contratos – nós fazemos parte do Ocidente,*’ ela acrescenta, ao explicar que ela honraria os termos dos contratos firmados com empresas de petrolíferas estrangeiras que operam atualmente no Brasil.<sup>17</sup>”

Outros momentos de intertextualidade precisam ser analisados; no primeiro deles, o jornal reforça que Dilma Rouseff seria a candidata preferida do então presidente para sucedê-lo. O desejo de que a política Lula continuasse torna o veículo simpático ao discurso da escolhida pelo ex-presidente, que mesmo tendo participado de protestos ligados à esquerda durante sua juventude, não representava para *The Economist* uma ameaça de ditadura populista no país. Ao contrário, o *ethos* da ex-ministra é formado por uma aura de resignação, controle, paciência e quiçá heroísmo.

Ela sofreu tortura com choque elétrico por 22 dias e foi presa por quase três anos. Dilma Rouseff não fala muito sobre isso, e sua posição quando se discute o governo militar é surpreendentemente equilibrada. Ela fala sobre "possibilidades de encolher" e "a vida se torna empobrecida para todos", sob uma ditadura<sup>18</sup>.

*The Economist* reforçava ainda a ideia de continuidade política através de vínculos estabelecidos entre o seu texto e a fala da então ministra. Através desta estratégia discursiva, portanto, o enquadramento de que a política do Governo Lula havia de continuar fica muito visível:

Seus pontos de vista são impossíveis de distinguir. Suas respostas às perguntas sobre o futuro do Brasil tendem a começar com as palavras, "o governo do presidente Lula ..." antes de passar a lista de realizações recentes. Sua preocupação em manter a inflação baixa, a sua fé na sabedoria do governo de planejar e "induzir" a atividade econômica, e sua recusa de criticar as ações

<sup>16</sup> Texto original em inglês: “*You can’t be fundamentalist about anything.*”

<sup>17</sup> Texto original em inglês: “*We respect contracts—we are part of the West,*” she adds, explaining that she would honour the terms on which foreign oil firms currently operate in Brazil.

<sup>18</sup> Texto original em inglês: *She suffered torture by electric shock for 22 days and was jailed for almost three years. Ms Rouseff does not talk about this much, and her language when discussing the military government is surprisingly detached. She talks about how “possibilities shrink” and “life becomes impoverished for everyone” under a dictatorship.*

antidemocráticas por outros governos na região, especialmente a do venezuelano Hugo Chávez, são idênticas às do presidente<sup>19</sup>.

Há por razões claramente ideológicas o silenciamento de vozes que poderiam criticar a continuidade das políticas do Governo Lula em *Her Master's Voice*. Como já destacamos, o silenciamento é parte da intertextualidade e exerce grande influência no discurso.

Em *Lula's Legacy* a estratégia discursiva da intertextualidade é amplamente adotada e por razões nitidamente ideológicas e de vínculo entre o jornal e a política realizada durante o Governo Lula.

Não há um silenciamento da oposição, mas o seu reflexo é praticamente nulo diante do espaço privilegiado do próprio Lula, de eleitores e de acadêmicos – todos endossando o desejo por continuidade.

Já no primeiro parágrafo, o endosso se apresenta no “diálogo” entre um vendedor de flores e o então Presidente da República: “*O melhor presidente de todos os tempos*” é como *Sandro, um vendedor de flores de São Paulo*, descreve Luiz Inácio Lula da Silva. Em quem ele vai votar na eleição para presidente em 3 de outubro? “*Dilma, com certeza.*” Por quê? Balança os ombros, dá uma gargalhada: “*Continuidade. E porque Lula a escolheu.*”<sup>20</sup>

O adversário de Dilma Rouseff nas eleições presidenciais, José Serra, também aparece na matéria, contudo, a sua posição é desprezada pelo jornal. Apesar de ser colocada como uma tecnocrata sem graça, ela era a escolhida por Lula, portanto, sinônimo de esperança de continuidade e isso fazia toda a diferença no discurso do veículo.

José Serra, do PSDB, partido de oposição, um político experiente, que por muito tempo liderou as pesquisas de opinião, mal começou a campanha até que fosse tarde demais. Ele parecia pensar que a escolha de Lula, Dilma Rouseff, uma tecnocrata sem graça que foi chefe da Casa Civil de Lula, mas nunca ganhou uma eleição, seria fácil de bater. Ele estava errado<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> Texto original em inglês: *Their views are impossible to tell apart. Her answers to questions about Brazil's future tend to begin with the words, "President Lula's government has..." before going on to list recent achievements. Her concern with keeping inflation low, her faith in the government's wisdom to plan and "induce" economic activity, and her refusal to criticise undemocratic actions by other governments in the region, especially that of Venezuela's Hugo Chávez, are identical to the president's.*

<sup>20</sup> Texto original em inglês: *"THE best president ever" is how Sandro, a flower-seller in São Paulo, describes Luiz Inácio Lula da Silva. Who will he vote for in the presidential election on October 3rd? "Dilma, for sure." Why? A shrug and a laugh: "Continuity. And because Lula chose her."*

<sup>21</sup> Texto original em inglês: *José Serra of the opposition Party of Brazilian Social Democracy, a seasoned politician who long led the opinion polls, barely started campaigning until it was too late. He seemed to think that Lula's choice, Dilma Rouseff, a colourless technocrat who was Lula's chief of staff but has never held elected office, would be easy to beat. He was wrong.*

A matéria utiliza como fonte de dados uma entrevista com o ex-presidente Lula, o que, portanto, ratifica a importância da intertextualidade para analisarmos este enquadramento. Cabe ressaltar que as críticas anteriormente presentes após o discurso de algum ator favorável ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva são praticamente inexistentes e a fala de Lula serve como reforço ao êxito da sua gestão e à necessidade da continuidade.

Destacamos que a intertextualidade através da entrevista do ex-presidente Lula apenas reforça a visão confiante, otimista e o espaço que o jornal passou a destinar ao Brasil emergente em meados de 2009, portanto, na metade da segunda gestão de Lula.

O ex-chefe de Estado do Brasil expõe as ações do governo em relação à ascensão do povo a novas classes sociais; à criação de universidade e ao financiamento de obras por todo o país. Na sequência do discurso de Lula, uma análise equilibrada e sem críticas a respeito das áreas nas quais o ex-presidente investiu.

"Estamos começando a estabelecer *medidas para que os mais pobres comecem a subir* para a classe média-baixa e depois para a classe média-média<sup>22</sup>"; No mesmo parágrafo, *The Economist* apresenta o sonho de Lula, nas palavras dele próprio: "Um país em que a grande maioria seja de classe média.<sup>23</sup>" Ele também fala sobre infra-estrutura: "Onde quer que você vá no Brasil você verá obra financiada pelo governo federal.<sup>24</sup>"

Mesmo com o respeito demonstrado por *The Economist* em relação às afirmações de Lula, há uma alusão ao Governo FHC, que segundo o jornal seria o responsável inicialmente pelo que de bom ocorria no país.

O estudioso da Fundação Getúlio Vargas, André Vilela, entretanto, aponta que além da herança do governo passado, Lula ignorou idéias socioeconômicas do PT. Na visão de Vilela: "Lula herdou políticas macroeconômicas e foi esperto o bastante para realizá-las.<sup>25</sup>" O presidente do BNDES, Luciano Coutinho, dimensiona Luiz Inácio Lula da Silva: "Lula equivale a duas vezes o partido.<sup>26</sup>"

---

<sup>22</sup> Texto original em inglês: "We are starting to lay steps so that the poorest begin to rise up to the lower-middle class and then to the middle-middle class,"

<sup>23</sup> Texto original em inglês: "A country in which the great majority are middleclass."

<sup>24</sup> Texto original em inglês: "Wherever you GO in Bazil you Will see work financed by the Federal Government."

<sup>25</sup> Texto original "Lula inherited sensible macroeconomic policies and was clever enough to realise it."

<sup>26</sup> Texto original em inglês: *Lula is twice as big as the party*

O discurso de oposição à continuidade das ações do ex-presidente está praticamente restrito ao momento em que José Serra levanta acusações contra Dilma Rouseff. As críticas de Serra, no entanto, permanecem isoladas no texto e não são polemizadas por *The Economist*. “Dilma Rouseff é incompetente ou complacente.”<sup>27</sup> O jornal acrescenta: “Mas, poucos deram ouvidos.”<sup>28</sup>

Logo após as críticas feitas por José Serra, a idéia recorrente de continuidade e eficácia do Governo Lula ecoam por intermédio de um acadêmico, o que parece servir ideologicamente como elemento que desagregaria valor a quaisquer críticas feitas por atores sociais sobre a sucessão presidencial. Marcelo Neri, da FGV, afirma: “O melhor momento de toda a história do Brasil.”<sup>29</sup>

Conforme a matéria, Dilma Rouseff teria herdado um Brasil melhor que o encontrado por Lula há oito anos. Não resta dúvida o desejo de continuidade que o jornal expressa através do seu discurso, que finaliza a matéria intertextualmente, através do Prof. Carlos Melo, da Insper, uma instituição paulista de ensino de negócios: “É algo completamente novo e um exemplo para o resto da América Latina.”<sup>30</sup>

**Texto não verbal.** O texto não verbal presente nesta categoria através de cinco objetos, sendo três fotografias e dois gráficos, aponta aspectos positivos da gestão Lula, além de apresentar imagens nas quais o semblante de Lula e o de Dilma transparecem felicidade e serenidade. O último dos objetos analisados, porém, uma fotografia de um pôster da campanha de Dilma, alerta para os desafios que ele teria pela frente, mas não difere críticas ou utiliza linguagem de incertezas ou dúvidas.

---

<sup>27</sup> Texto original em inglês: *Ms Rouseff is either incompetent or complicit.*

<sup>28</sup> Texto original em inglês: *But few seem to be listening.*

<sup>29</sup> Texto original em inglês: *The Best moment in the entire history of Brazil.*

<sup>30</sup> Texto original em inglês: *This is something completely new and an example to the rest of Latin America.*



*Reateurs / The Economist*  
**Figura - 1 – Lula e Dilma: alegria**  
Fonte: [www.economist.com](http://www.economist.com) - 12.11.2009

A figura-1 funciona como ancoragem ao texto verbal intitulado “a voz mestra dela.” Ambos estão em um mesmo ambiente, lado a lado e, acima de tudo, com fisionomia idêntica: alegres e confiantes.

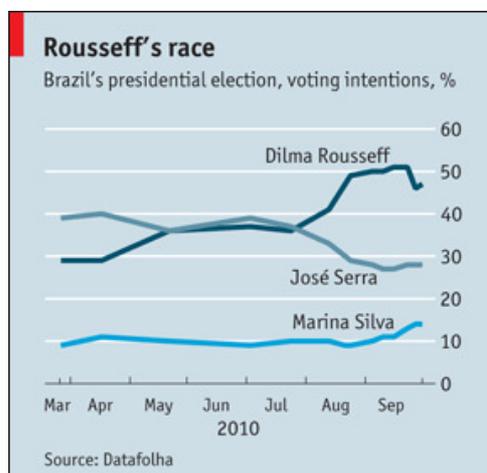
Da mesma forma que na figura – 1, a figura – 2 se apóia na ancoragem e reforça a ideologia presente no texto, de que as estratégias liberais seriam o melhor para o Brasil e Lula tinha conseguido equilibrar o lado social com o crescimento econômico. O ex-presidente deixara um legado admirado por *The Economist* – daí o texto não verbal cheia de confiança e alegria.



*The Economist*  
**Figura 2 – Lula’s Legacy**  
Fonte: [www.economist.com](http://www.economist.com) - 30.09.2011

Uma das estratégias mais marcantes do jornalismo econômico é a utilização de números com o objetivo de transmitir seriedade e comprovar o que o sujeito do discurso

tenta construir. É claro para nós que o jornal buscava a continuidade das ações do então presidente Lula por parte de quem o sucedesse. A escolhida pelo ex-presidente para essa tarefa foi Dilma Rouseff, que prontamente recebe o apoio do jornal na forma de um discurso verbal e não verbal favorável a sua vida pública, isso é percebido no gráfico 1.



**Gráfico – 1 – A corrida de Rouseff**  
Fontes: *The Economist/ Datafolha*

O gráfico 1 reforça o discurso de economia pujante e de melhoria na qualidade de vida do brasileiro durante o Governo Lula e por isso funciona como uma estratégia discursiva não verbal que ratifica o vínculo ideológico do jornal com as políticas implantadas pela gestão de Luiz Inácio Lula da Silva.



	1993-95 average	2002	2009
Poverty, % of population with income under 144 reais per month (\$2.50 a day at PPP*)	31.8	26.7	15.3
Income inequality, gini coefficient†	0.6	0.59	0.54
Average real monthly income per person, reais	457.3	507.7	630.3
Average years of schooling	5.4	6.6	7.6
Households with washing machine, % of total	24.3	32.9	44.4
Population with sewage connection, % of total	36.5	43.8	51.0

\* Purchasing-power parity  
† 0=perfect equality, 1=perfect inequality

Source: Centre for Social Policies, Fundação Getulio Vargas

**Figura<sup>31</sup> – 3 – Um Brasil melhor**  
Fontes: *The Economist/ FGV*

<sup>31</sup> A figura apresenta as seguintes informações (na ordem a partir do topo): pobreza – percentual da população com rend abaixo de R\$144 por mês; desigualdade de renda; média mensal de renda em reais por pessoa; Número de anos na escola; residências com máquinas de lavar, população servida por esgoto.

O último texto não verbal serve como uma ancoragem ao texto verbal que insiste na continuidade das ações políticas de Luiz Inácio Lula da Silva. Uma foto de propaganda política da campanha de Dilma, ao lado de Lula, em uma comunidade pobre brasileira não serve como crítica ao que Lula fez durante os dois mandatos, mas sim de estímulo a novas ações que Dilma deveria implantar.



*The Economist*

Figura - 4 – Ainda há muito paara Dilma fazer

Fonte: [www.economist.com](http://www.economist.com) - 30.09.2011

**Título e subtítulo.** Como já levantado por Van Dijk (2008) ocupam posição especial não só no conteúdo textual, mas sim na pecepção do consumidor da notícia. *Her master's voice* e *Lula's legacy* desempenham essa função. Mas, especialmente, *Lula's legacy* destaca o desejo de que o trabalho do ex-presidente continuasse, o que fica explícito no termo *legado*, o qual aponta para uma ampla ede de significados.

O subtítulo de *Her master's voice*, contudo, remete ao desejo de continuidade da administração de Lula com intensidade maior que o próprio título, já que aborda diretamente o assunto e lança uma questão, respondida afirmativamente na matéria: “Dilma Rousseff, a sucessora preferida de Lula, é uma política mais interessante do que parece. Mas, ela seria diferente do seu chefe?<sup>32</sup>” A resposta ao longo da matéria é não, pois o *ethos* construído com base no texto a coloca sagaz – pacífica e o mais importante para *The Economist*: sintonizada com a ideologia lulista.

Uma vez que o desejo do jornal é que haja a continuidade da ideologia política brasileira, a visão de Dilma não poderia ser melhor e é com base nessa imagem, o *ethos* da então ministra vai sendo constrído pelo veículo.

---

<sup>32</sup> Texto original em inglês: *Dilma Rousseff, Lula's preferred successor, is a more interesting politician than she appears to be. But would she be different from her boss?*

Quase um ano após *Her master's voice* a campanha de Dilma vai indo muito bem e ela lidera as pesquisas de intenções de votos; o então presidente Lula está com a imagem consagrada perante a bíblia do liberalismo mundial, especialmente pelo Brasil ter emergido rapidamente da crise financeira global e mesmo crescido economicamente.

Um novo desafio surge para o Brasil, conforme o veículo: a sucessão. Os elogios ao ex-presidente Lula já estavam consolidados, o seu papel fora cumprido e o desafio agora recaía sobre a ex-ministra. O subtítulo de *Lula's legacy* direciona para o novo rumo do Brasil e parece sugerir um novo ciclo de dúvidas, desafios e quiçá elogios e euforia: “A vida é melhor para os brasileiros agora do que há oito anos. Mas Lula está deixando problemas não solucionados para a sucessora escolhida por ele, a quem falta seu magnetismo pessoal.”<sup>33</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos o discurso como uma grande “mola” que utiliza a linguagem ao seu belprazer, expondo percepções positivas ou negativas acerca do que lhe convém, por intermédio da visão de mundo do sujeito do discurso e de sua ideologia, que influencia os demais indivíduos através de uma relação “pluri” de significados, interesses e tensões. Essa influência determina um impacto ainda maior quando o sujeito do discurso é uma instituição jornalística que ocupa o *ethos* de bíblia do liberalismo mundial e por isso ocupa espaço privilegiado na relação discursiva.

*The Economist* tece uma teia de significações capaz de projetar e transformar percepções pelo discurso em um verdadeiro processo de alquimia. Vejamos: um operário vermelho, perigoso, perdulário e caloteiro em potencial transforma-se na figura do equilíbrio e da honradez por intermédio do lógico e racional campo do jornalismo econômico, que parte em busca de um final feliz: Dilma Rousseff continuando o maior sucesso econômico da América Latina.

Parece ocorrer um final de “conto de fadas”, cujo desejo é o da continuidade da política socioeconômica implantada por um ex-operário e sindicalista, que se tornara

---

<sup>33</sup> *Life is better for Brazilians than it was eight years ago. But Lula is leaving unsolved problems for his chosen successor, who lacks his personal magnetism*

presidente de uma das maiores economias da Terra. Esse mesmo homem, no seu último ano de mandato, em 2010, recebera o título de estadista global em Davos, na Suíça.

Entendemos, assim como os estudiosos da área, que a Análise de Discurso objetiva compreender um tipo de real sujeito à interpretação que se dá no cruzamento da língua com a história. Esse é um dos maiores anseios deste trabalho, se inscrever na história a partir de uma análise embasada na AD das relações entre economia e discurso durante o período de transição de um dos governos mais emblemáticos de todos os tempos no Brasil: o Governo Lula.

*The Economist* construiu por cerca de oito anos um discurso volátil sobre a gestão lulista e utilizou-se de variados posicionamentos discursivos para tal. Buscamos, portanto, compreender essa volatilidade discursiva, baseados na gradação de um discurso que vai do medo chega à resignação e, finalmente, ao desejo de continuidade cuja esperança recai na candidata apoiada por Lula.

Pretendemos que esta pesquisa sirva de base a outros estudiosos que possam agregar novos conhecimentos e mesmo questionamentos ao que já foi desenvolvido. Ratificamos ainda a relevância do trabalho para a Ciência da Comunicação, uma vez que buscamos estabelecer um maior entendimento acerca da história política recente do Brasil, com base em um instrumento midiático de alcance e influência globais.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

DALPIAZ, Jamile. Imprensa e ideologia: a cobertura do governo brasileiro pelos jornais britânicos. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v.I, n. 2, p. 65-76, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PROCÓPIO, Pedro. **O Brasil emergente nas páginas de The Economist: Relações Entre Economia e Discurso no Governo Lula**. Recife: Bagaço, 2012.

VAN DIJK, Teun. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.